

Tudo muito ajeitadinho

RENATO ALVES

DA EQUIPE DO CORREIO

 s integrantes da banda irlandesa de rock U2 nunca pisaram em Brasília. Talvez nem saibam da sua existência. Mas possuem um hit que poderia ser o hino pop da capital brasileira: *Where the streets have no name* – Onde as ruas não têm nome, no bom português. Em Brasília, as referências de endereços são as quadras e entrequadras, que também não possuem nomes. Elas são conhecidas por siglas e números.

SQN 214, SHCES 805, QRSW 7, SIA Trecho 2... Procurar um endereço em Brasília muitas vezes é tarefa árdua, até mesmo para quem mora na capital. Imagine para os forasteiros em visita à capital pela primeira vez! "Anotei os endereços em um papel e o entrego ao taxista. Se ele quiser rodar em círculo só para aumentar o valor da viagem, nem vou perceber, porque me disseram que aqui é tudo igual", ressalta a economista paulista Renata do Prado, 36 anos, que desembarcou no Aeroporto Internacional Juscelino Kubitschek na manhã do último dia 12 para três dias de trabalho em Brasília.

Ela tem razão. Além das siglas e números, a capital é marcada pela setorização. No Plano Piloto de Lucio Costa, os brasilienses só moram nas superquadras, que compõem as asas Sul e Norte. Cada uma das superquadras tem blocos (os prédios) localizados entre si sempre em ângulos retos. O Eixo Monumental – o "corpo do avião" – é o local de trabalho de boa parte dos moradores. Ao longo dele ficam quase todos os prédios dos governos local e federal.

Para tentar entender a lógica das superquadras, é preciso estar atento à numeração e à localização geográfica das quadras. As faixas das superquadras 100 e 300 com seus prédios de seis andares ficam a oeste do Eixo Rodoviário, o Eixão, a estrada de seis pistas que corta o Eixo Monumental. Do lado leste fica a faixa das 200 e 400, com prédios de seis e três pavimentos, respectivamente.

Em cada uma das asas, a numeração das superquadras vai de 1 a 16. Ou seja, de 101 a 116, de 401 a 416. E entre uma e outra superquadra ficam as entrequadras comerciais, voltadas para as necessidades básicas dos moradores das superquadras, com seus salões de beleza, lanchonetes, mercadinhos, entre outros.

Ao longo dos tempos, muitas das entrequadras foram setorizadas pelo agrupamento de lojas de um determinado ramo. E acabaram até ganhando apelidos. Há a "rua das farmácias" (302 Sul), a "rua dos restaurantes" (404/405 Sul), a "rua das noivas" (304/305 Norte). Mas existem também setores oficiais para determinadas atividades, co-

mo o Setor de Clubes Sul, o Setor de Indústria e Abastecimento e o Setor de Indústrias Gráficas. Na capital, há até lugar definido para fazer amor, o Setor de Motéis – no Núcleo Bandeirante.

Sudoeste

A dinâmica de avenidas, ruas e quadras do Plano Piloto e das regiões administrativas mais antigas do Distrito Federal, como Taguatinga, Gama e Sobradinho, já não oferecem tanto mistério assim para quem nasceu em Brasília ou mora na capital há anos. Fica então para as cidades mais novas o desafio de tentar decifrar o quebra-cabeças alfanumérico.

Entre elas, está o Sudoeste, recém-emancipado do Cruzeiro. Parte integrante do projeto Brasília Revisitada, de Lucio Costa, o setor foi criado em julho de 1989. É um bairro nobre, destinado à classe média, com 3,8 milhões de metros quadrados. Os endereços assemelham-se aos do Plano Piloto, com áreas residenciais, comerciais e mistas bem definidas. No Sudoeste também há superquadras, mas a sigla ganha um W no final, SQSW. O W vem do inglês southWest (sudoeste). Sacou? E a letra aparece nas demais siglas dos logradouros do bairro — CLSW, QMSW, QRSW e CCSW.

São duas as áreas residenciais do Sudoeste — as quadras SQSW 100 a 105, 301 a 306 e mais a 504, formadas por edifícios de seis andares. Tem também as quadras QRSW 1 a 8, com prédios de três andares, que receberam o apelido de Setor Econômico — onde o aluguel de um apartamento de dois quartos de 64 metros quadrados custa, em média, R\$ 800, fora o condomínio. Ainda existem as quadras QMSW, de 1 a 6, com destinação mista, onde existem oficinas, e as quadras CCSW, área de um centro comercial.

Emanuel Brasileiro da Hora, 46 anos, conhece bem a lógica das vias de Brasília. Há 23 anos, ele trabalha com a sinalização das ruas e avenidas do Distrito Federal. Tanta experiência lhe rendeu um cargo de chefia no Departamento de Sinalização Viária (DSV), órgão da Secretaria de Transportes responsável pela fabricação das placas e sinalização das vias do DF. "Quando cheguei de Natal (RN), achava tudo estranho, mas logo percebi que a cidade era bem desenhada", recorda Emanuel, que se mudou para a capital em 1973.

O DSV produz até 5 mil placas por ano. Os mais desatentos podem não perceber, mas elas se diferenciam pelas cores. Cada uma tem um significado. As azuis, mais comuns, indicam o local onde você está. As verdes mostram para onde leva tal via. As laranjas, que estão sendo substituídas por marrons, têm nomes de pontos turísticos. Já as brancas são explicativas. Tudo bem organizado. A cara de Brasília.